

## O MAPA DE REDE SOCIAL SIGNIFICATIVA COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO NO CONTEXTO DA PESQUISA QUALITATIVA

THE MAP OF SOCIAL NETWORK AS A RESEARCH TOOL IN THE CONTEXT OF QUALITATIVE RESEARCH

**CARMEN LEONTINA  
OJEDA OCAMPO MORÉ**

*Doutora em Psicologia  
Clínica - Departamento de  
Psicologia - Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia  
- Laboratório de Psicologia da  
Saúde, Família e Comunidade.  
Universidade Federal de Santa  
Catarina.*

*E-mail: carmen.more@ufsc.br*

**MARIA APARECIDA  
CREPALDI**

*Doutora em Saúde Mental -  
Departamento de Psicologia  
- Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia - Laboratório  
de Psicologia da Saúde,  
Família e Comunidade.  
Universidade Federal de Santa  
Catarina.*

**RESUMO:** As redes sociais influenciam diretamente o sentimento de autoestima, identidade e competência de um indivíduo, sendo centrais em situações de crises. Nessa perspectiva, o objetivo desse artigo é a apresentação do mapa de rede social pessoal proposto por Carlos E. Sluzki, como instrumento de coleta de dados no contexto da pesquisa qualitativa. Acorados na experiência de investigações desenvolvidas, evidencia-se sua construção, tendo como referência quatro quadrantes de registro: família, amizades, comunidade e trabalho, e seus três diferentes níveis de intimidade e compromisso relacional. Aponta-se seu potencial gráfico, descritivo e de conteúdo e as possibilidades de construção e nomeação de categorias de análises resultantes da triangulação, seja de conceitos teóricos, seja do próprio instrumento ou da narrativa dos participantes.

**PALAVRAS-CHAVES:** rede social, metodologia qualitativa, instrumento qualitativo

**ABSTRACT:** Social networks affect decisively the self-esteem, identity and competence of an individual, being central in crisis situations. In this framework the objective of this study is to present the map of social network proposed by Carlos E. Sluzki, as an instrument of data collection in the context of qualitative research. Grounded in the experience of research developed, it becomes clear its construction with reference to its four quadrants on: family, friends, community and labor, and its three different levels of intimacy and/or relational commitment. It points out its potential graphic, descriptive content and the possibilities for building and naming of categories resulting from analysis of the triangulation is of theoretical concepts, is the instrument itself and/or narrative of the participants.

**KEYWORDS:** social network, qualitative method, qualitative tool

A temática das redes sociais e seu efetivo reconhecimento no campo da produção científica sustenta-se a partir da emergência de uma nova posição epistemológica de se pensar e fazer ciência. Essa posição caracteriza-se eminentemente pela problematização de crenças básicas que sustentam o saber produzido pelas diferentes disciplinas científicas, presentes no paradigma tradicional. Por sua vez, caracteriza-se também pela incorporação dos pressupostos que sustentam o pensamento sistêmico, tais como: o da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, enquanto perspectivas que tentam responder ao reconhecimento de uma realidade multifacetada, multidimensional, contextual e coconstruída pelos seus protagonistas.

Nesse sentido, tendo como referências o pensamento sistêmico e o olhar do construcionismo social, considera-se que aprofundar os estudos das redes sociais implica o desafio de reconhecer as pessoas, tanto como produtoras de sentido, como produzidas pelas construções da trama social. Assim, o sujeito pode ser considerado uma unidade heterogênea, aberta ao intercâmbio produzido por sua participação nos jogos sociais e pela linguagem enquanto construtora de sentidos e significados atribuídos à realidade (Vasconcellos, 2003; Morin, 2007; Dabas &

Recebido em 20/03/2012.

Aprovado em 07/05/2012.

Najmanovich, 2002; Grandesso, 2000; Gergen & Gergen, 2006).

No marco das colocações anteriores, considera-se que as redes sociais, seja de ordem individual, familiar, seja de ordem institucional ou comunitária, podem ser consideradas um dos principais recursos de que dispõe um indivíduo, principalmente no que diz respeito ao apoio recebido e percebido. Dos diferentes campos das ciências humanas e da saúde, estudos e pesquisas em torno dessa temática são unânimes em afirmar a estreita relação entre a qualidade do desenvolvimento humano e a qualidade das redes sociais com as quais o indivíduo interage (Sluzki, 1997; Dabas, 1993; Demaray & Malecki, 2002; Pakman, 2002; Moré, 2005; Ornellas, 2007; Custódio, 2010).

Essa relação traz à tona, por sua vez, a importância dos fatores potencialmente de risco e de proteção aos quais os indivíduos estão expostos. Nesse sentido, as investigações científicas que tratam das redes põem em evidência que a pobreza das redes sociais afeta negativamente a qualidade de vida dos sujeitos e, de modo inverso, que as redes sociais estáveis e variadas favorecem positivamente a autoestima, gerando a capacidade de enfrentamento adequado das situações vitais difíceis, sejam elas crônicas ou temporárias (Sluzki, 1997; Dabas, 1993; Sluzki, 2002; Garcia & Herrero, 2006; Moré, 2005; Ornellas, 2007; Garbarra, 2010).

Tendo como referência a centralidade dos estudos sobre a configuração, dinâmica e impacto das redes sociais, para o indivíduo e sua família, destaca-se a relevância das redes para o desenvolvimento dos sujeitos ao longo do ciclo vital. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é evidenciar a utilização do mapa de rede no campo da

pesquisa qualitativa nas áreas da saúde, família e comunidade, como um instrumento de coleta de dados, evidenciando seu procedimento de construção com o participante e a análise dos dados emergentes.

## REDES SOCIAIS: SUA CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A possibilidade do sujeito se sentir “reconhecido pelo outro” numa determinada situação vital, por meio da compreensão e aceitação de suas emoções, dificuldades e opiniões, ou por comportamentos e ações, seja de ajuda material, ou conselhos, evidencia a importância do papel e das funções que as redes sociais desempenham junto ao sujeito, sua família ou grupos sociais aos quais pertence.

Nas práticas de intervenção terapêutica desenvolvidas pelos profissionais de saúde mental, a presença e o acionamento das redes sociais têm demandado especial atenção nas últimas décadas. Primeiro no que se refere a um processo de ampliação da intervenção terapêutica direcionado ao indivíduo e à família pela necessária inclusão dos sistemas de redes nas ações terapêuticas. Em segundo lugar, pela intervenção nas redes de suporte social, organizadas no âmbito comunitário, em ONGs e institucionalmente constituídas, tendo essas últimas um papel de destaque no contexto de programas de reabilitação, prevenção e promoção da saúde dos indivíduos (Sluzki, 1997; Dabas, 1993; Pakman, 2001; Moré & Macedo, 2006; Ornellas, 2007).

No que diz respeito à constituição das redes sociais, observa-se que estas podem ser relacionadas: (a) aos fenômenos dos processos de desenvolvimento do ciclo vital individual ou familiar, (b) aos grupos e interações

espontâneas, que se podem constituir num dado momento e num certo contexto, centrando-se em torno de determinadas ações e/ou situações mais ou menos formalizadas, e (c) serem constituídas de maneira formal/institucional, com fronteiras e limites bem definidos, seja no que se refere ao seu alcance, como na sua função.

Nesse processo de constituição, observa-se que, na produção de conhecimento em torno da temática de redes sociais, há uma diversidade de conceituações, que, em certa medida, tenta nomear o fenômeno estudado segundo a perspectiva de investigação. Sem o intuito de redução do campo de conceituações em torno do termo composto “redes sociais”, pode-se afirmar que o mesmo passa por dois âmbitos estreitamente correlacionados e bem definidos: um deles, enquanto seu significado, e outro, enquanto impacto de suporte para o indivíduo e ou família. Assim, por um lado, encontram-se as redes que se constituem ao longo do processo vital do indivíduo e sua família, e que se caracterizam eminentemente pela proximidade e intimidade na construção histórica de vínculos; e, por outro lado, tem-se o âmbito das redes sociais propriamente ditas, que podem ser formais ou informais e que se caracterizam pelas diferentes formas de suporte efetivo que oferecem ao sujeito.

Segundo Lin e Ensel (1989), as redes de suporte social podem ser definidas como um conjunto de provisões expressivas e/ou instrumentais presentes na comunidade e no meio social à disposição do indivíduo, tanto em situações cotidianas como em situações inesperadas, desempenhando funções emocionais e materiais. Complementando os autores citados, Campos (2005) afirma por

sua vez que “suporte social designa formas de relacionamento interpessoal, grupal ou comunitário que dão ao indivíduo um sentimento de proteção e apoio capaz de propiciar redução do estresse e bem-estar psicológico” (p. 30). Nessa mesma direção, Dabas (1993) define rede social como um processo que:

*...implica um processo de construção permanente tanto individual como coletivo. Nessa perspectiva diríamos que é um sistema aberto, que, através de outros grupos sociais, possibilita a potencialização dos recursos que possuem. Cada membro de uma família, de um grupo ou de uma instituição se enriquece através das múltiplas relações que cada um desenvolve (p. 21).*

Por sua vez, no âmbito das redes sociais pessoais, Sluzki (1997) afirma que a rede social de apoio de um sujeito é composta por todas aquelas relações consideradas significativas para ele e que o influenciam no seu próprio reconhecimento como sujeito assim como na sua autoimagem. Ainda de acordo com o autor, a rede social pessoal de qualquer indivíduo constitui “uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo os hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise” (p. 42).

Da perspectiva da antropologia social, Speck (1989) afirma que a rede social “é um grupo de pessoas, membros da família, vizinhos, amigos e outras pessoas, capazes de proporcionar uma ajuda e um apoio tão reais como duradouros a um indivíduo ou uma família. É, em síntese, um casulo ao redor de uma unidade familiar que serve de amortecedor entre esta unidade e a sociedade” (p. 24).

Estas conceituações mostram que as redes pessoais significativas, sejam elas do indivíduo ou da família, têm um alcance em diferentes níveis da estrutura social. Com relação a esse alcance e desde uma perspectiva ecossistêmica, Sluzki (1997) afirma:

*Esse nível intermediário de estrutura social se revela crítico para uma compreensão mais inteira dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento de identidade e de consolidação dos potenciais de mudança, e por consequência ilumina os processos sociais de desintegração, de mal-estar e de adoecer (p. 37).*

Nesse universo da interação entre as redes sociais e o indivíduo e sua matriz familiar, surgem uma série de questionamentos provocativos, colocados por Sluzki (2002), que desafiam os processos de produção de conhecimento: “Quais são os mecanismos ou processos mediante os quais a rede afeta a saúde e a saúde afeta a rede?; como e por que acontece a deterioração da rede quando se faz presente uma doença crônica?” Seguindo essa linha de indagações pode-se interrogar também sobre como se configuram a dinâmica das redes pessoais e a qualidade de vida de um indivíduo?; como se comportam as redes diante dos processos de vida e morte de um sujeito?

Cabe aqui chamar atenção para a terminologia utilizada pelo autor quando se refere ao Mapa e a denominação que é utilizada neste artigo para se referir ao mesmo. Sem perder a referência das ideias apresentadas por Sluzki (1997), coaduna-se com usar a denominação Mapa da Rede Social Significativa ou Rede Pessoal Significativa de forma intercambiá-

vel. Isto porque a construção do Mapa tem como objetivo a busca do mapeamento da qualidade do compromisso relacional da rede com o indivíduo, em diferentes âmbitos. Assim, as pessoas que possam vir a conformar uma rede são “significativas” para o indivíduo pela sua percepção da qualidade do vínculo construído com os envolvidos na mesma, seja numa determinada situação ou num determinado tempo histórico.

### **A REDE SOCIAL NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA**

Na linha desses questionamentos, observa-se no campo da investigação instrumentos de coleta de dados que tentam aproximar-se das respostas, tanto no nível de significado pessoal, como de funcionamento das redes. A título de exemplo, pode-se citar o trabalho de Fernandez Millan, Diez de la Cortina, Malpica Buitrago e Hamido Mohamed (2010). Trata-se de uma pesquisa quantitativa, que utilizou uma Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985), adaptada ao espanhol por Atienza *et al.* (2000). O trabalho citado estudou menores acolhidos em Centros de Proteção, e apresentou uma relação entre as variáveis percepção do apoio social, satisfação com a vida e expectativas de futuro, todas com grande relevância para a adaptação social e pessoal de menores abrigados. O trabalho citado evidenciou a correlação negativa entre a situação de institucionalização e a percepção de apoio familiar, assim como correlações positivas entre esta percepção e a satisfação com a vida e as expectativas de futuro, concluindo-se sobre a importância de desenvolver redes de apoio social

para melhorar a satisfação com a vida e as expectativas de futuro dessa população.

Especificamente no campo da pesquisa qualitativa, encontram-se trabalhos que utilizaram o mapa de rede proposto por Sluzki (1997) como instrumento de coleta de dados para analisar situações de crises no desenvolvimento vital de um sujeito ou família. O mapa de rede é um instrumento utilizado na intervenção da clínica psicoterapêutica que foi adaptado para a pesquisa científica, com o objetivo de evidenciar o grau de intimidade e compromisso das redes pessoais sociais constituídas em torno de situações específicas, permitindo a possibilidade de analisar qualitativamente seu impacto nos processos vitais de desenvolvimento.

Santos (2008) caracterizou o funcionamento das redes pessoais sociais significativas na perspectiva de mulheres que sofreram violência e evidenciou, por meio do mapeamento destas, a influência decisiva que tiveram as patroas para as quais trabalhavam no contexto doméstico, no reconhecimento de seus direitos e na decisão de denunciar os agressores. A autora citada conclui que a qualidade do vínculo estabelecido pelas mulheres com a sua rede foi o fator determinante para a tomada de posição quanto à denúncia, trazendo pistas importantes, portanto, para os programas de prevenção que tratam da violência contra mulher.

Caminha (2008), por sua vez, pesquisando famílias com crianças entre 6-9 anos com fissura labiopalatal, evidenciou, pela construção do mapa de rede com as famílias, a ausência dos representantes das equipes de saúde que haviam acompanhado as crianças e suas famílias desde seu nascimento. Esta ausência significativa da equipe no

mapa permitiu compreender, em certa medida, o desconhecimento a respeito da origem e do tipo de fissuras por parte dessas famílias e, por sua vez, sua relação com a queixa constante dos profissionais sobre a falta de cuidados necessários para com os filhos por parte da família, como, por exemplo, a falta de higiene bucal, tão importante nesse tipo de acometimento. Estes dados deixaram em tela a comunicação entre equipe e família, no que diz respeito às ressonâncias dos diálogos dos profissionais envolvidos com as famílias. A posterior apresentação do mapa geral, onde se congregavam os dados de todas as famílias para a equipe envolvida, gerou uma reavaliação por parte dos mesmos, no sentido de buscar estratégias que melhorassem a comunicação com as famílias.

Também na linha dos estudos com família e especificamente com casais, Sousa de Costa e Silva, Ramos Ponte e Bucher Maluchke (2010), utilizando o mapa de rede para analisar a relação entre as redes sociais e as relações de gênero, mostraram que as relações constituídas pelos casais foram marcadas por padrões de gênero que delimitaram os ambientes das atividades cotidianas, definiram o status ocupado na família e condicionaram a formação de vínculos na rede social.

No campo da migração, pode-se citar o trabalho de Hering (2008), que estudou o processo de adaptação de famílias migrantes com filhos pequenos ao novo lugar de moradia, por meio da investigação da configuração e das funções das redes pessoais sociais significativas. No estudo referido, o mapa de rede mostrou que as atividades escolares dos filhos eram uma porta efetiva de construção do acesso a outras redes na nova cidade, e que as redes virtuais (internet) que a família mantinha com a sua própria na cidade

de origem afetaram o processo de integração com o novo local de moradia, influenciando na decisão de permanecer na cidade.

Como exemplo do trabalho comunitário, evidencia-se a pesquisa de Farias (2010), que estudou as redes sociais significativas de adolescentes que engravidaram entre os 11 e 14 anos, mostrando as suas configurações antes, durante e depois da gravidez. A referida autora constatou a presença do suporte efetivo de prevenção e cuidado somente no período da gravidez, observando-se uma ausência significativa de interlocutores privilegiados enquanto guias cognitivos e de informação no período anterior à gravidez e posterior ao nascimento dos filhos, colocando em tela o foco dos programas de acolhimento dos adolescentes e os programas de saúde reprodutiva da mulher.

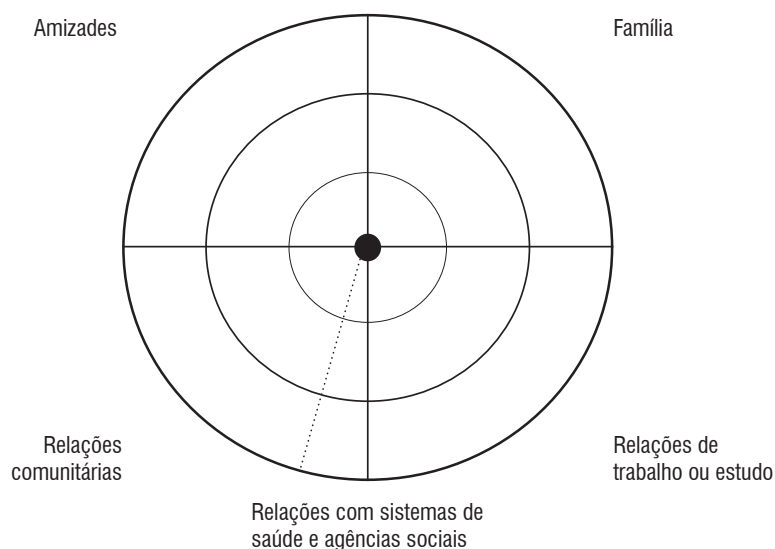
No âmbito hospitalar, a investigação desenvolvida por Menezes (2010), que se utilizou do mapa de rede como um instrumento complementar, estudou os significados da hospitalização infantil para crianças e suas famílias. Este trabalho mostrou que a comunicação de informações para a compreensão da dinâmica hospitalar e de aspectos do diagnóstico ou intervenção cirúrgica eram sustentados e decodificados, na maioria das vezes, pelo pessoal responsável pela alimentação, higiene, vigilância da instituição hospitalar, mais do que pela equipe de saúde responsável pela internação e do procedimento cirúrgico. Também constatou, a necessidade de construção de uma comunicação mais efetiva entre criança e família com a equipe de saúde, no que diz respeito a propostas da instituição hospitalar que sustentem acolhimento mais qualificado da demanda.

Nessa mesma linha de investigação, a pesquisa realizada por Gabarra (2010) com pacientes internados para amputação de membros mostrou que, após a internação, a rede pessoal social, em especial a rede familiar, ofereceu apoio emocional e espiritual durante o período de hospitalização. Após a alta, o apoio oferecido foi instrumental e financeiro, e os pacientes receberam apoio emocional e informacional nas relações com os serviços de saúde.

### O MAPA DE REDE: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DAS REDES

Segundo Sluzki (1997), a “rede social pode ser registrada em forma de mapa mínimo que inclui todos os indivíduos com os quais interage uma determinada pessoa” (p. 41). O mapa mínimo pode ser sistematizado por um diagrama formado por três círculos concêntricos (interno, intermediário, externo), divididos em quatro quadrantes: (a) Família, (b) Amizades, (c) Relações de trabalho ou escolares, (companheiros de trabalho e ou de estudos) e (d) Relações comunitárias, de serviços (exemplo, serviços de saúde) ou de credos (figura 1). Com relação à disposição dos círculos, o interno representa as relações mais íntimas consideradas pelo indivíduo, seja da família ou de amizades. O círculo intermediário registra as relações com menos grau de compromisso relacional, tais como as relações sociais ou profissionais ou familiares, e o círculo externo registra as relações ocasionais (tais como conhecidos de escola ou trabalho, familiares mais distantes, vizinhos). Sluzki (1997) aponta que “o conjunto de habitantes desse mapa mínimo, constitui a rede social pessoal do informante” (p. 42).

Figura 1. Mapa de rede



O registro do mapa é estático e descritivo de um determinado momento ou situação vivenciada pela pessoa informante, e seu registro pode ser enriquecido e analisado em profundidade por meio da exploração das diferentes características, funções e atributos da rede.

Nesse sentido, a rede pessoal significativa pode ser avaliada em termos de características estruturais, observando-se os seguintes aspectos:

- (a) tamanho: que se relaciona à quantidade de pessoas que constituem a rede. As redes de maior efetividade são as de tamanho médio. Segundo Sluzki (1997), as redes muito pequenas são menos efetivas em situações de sobrecarga ou tensão de longa duração, pois os membros tendem a evitar os contatos com a finalidade de poupar-se, enquanto aquelas muito numerosas podem não ser efetivas em função do pressuposto de que o “outro” está cuidando do problema;
- (b) densidade: relaciona-se com a qualidade da relação entre seus mem-

bros em termos de influência que podem exercer no indivíduo;

- (c) composição ou distribuição: atributo que indica a posição que cada membro ocupa nos quadrantes;
- (d) dispersão: refere-se à distância geográfica entre a pessoa e os membros de sua rede;
- (e) homogeneidade/heterogeneidade: dizem respeito a variáveis como idade, sexo, cultura e nível socioeconômico, que podem favorecer trocas ou evidenciar tensões.

No que diz respeito às funções dos vínculos estabelecidos na rede pessoal significativa, Sluzki (1997) destaca a:

- (a) de companhia social: que indica a realização de atividades em conjunto ou o estar juntos;
- (b) de apoio emocional: que envolve trocas que incluem empatia, estímulo e compreensão;
- (c) de guia cognitivo e de conselhos: que proporciona informações e modelos de referência;
- (d) de regulação social: que evoca responsabilidades, neutralizando supostos desvios de comportamento e favorecendo a resolução de conflitos;

- (e) de ajuda material e de serviços: a que trata do fornecimento de auxílio financeiro ou de serviços especializados, como é o caso do Setor Saúde;
- (f) de acesso a novos contatos: o que possibilita uma abertura para o estabelecimento de relações com novas pessoas ou redes.

O autor também aponta a possibilidade de se analisar os atributos de cada vínculo, avaliando-se a função predominante de cada relação. Assim encontra-se:

- (a) a multidimensionalidade, que se caracteriza pelo número de funções desempenhadas na rede;
- (b) a reciprocidade, que avalia se uma pessoa desempenha funções que recebe de outros;
- (c) a intensidade, que sinaliza o grau de compromisso com a relação;
- (d) a frequência dos contatos, destacando-se aqui o fato de que quanto maior a distância, maior a necessidade de manutenção ativa do contato para manter a intensidade;
- (e) história da relação, que aborda a forma pela qual as pessoas se conheceram e outras informações que estimulam a manutenção desta.

A partir das características estruturais, funções e atributos das redes é possível observar um conjunto de variáveis passíveis de serem estudadas, seja através de um registro gráfico, tal qual uma “radiografia” das redes, como também fazendo análises em profundidade da dinâmica das relações intrarredes. Nesse sentido, estar-se-ia evidenciando a dinâmica entre as partes e o todo das redes (Moré, 2010).

## O PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DO MAPA E COLETA DE DADOS

O mapa de rede, enquanto instrumento de coleta de dados, soma-se a outros já reconhecidos no campo da

investigação qualitativa, tais como o genograma (Wendt & Crepaldi, 2008), auxiliando o pesquisador na busca de uma expressão mais aprofundada em torno de eventos vitais de um indivíduo e família. Nesse contexto, evidencia-se em continuação aspectos a serem considerados tanto na entrevista que subsidia a construção do mapa com o participante, como nos passos do procedimento.

Cabe destacar num primeiro momento que a utilização do mapa de rede como instrumento principal ou coadjuvante de outros exige *a priori* a definição dos objetivos da pesquisa, tal qual o procedimento de toda a investigação. Essa definição é importante para determinar qual o papel do mapa no universo da coleta de dados e também visualizar quem serão os informantes. Pode ser construído com uma pessoa ou com a presença de pessoas da família por meio da coleta de respostas dos responsáveis como, por exemplo, o casal.

Num segundo momento, é necessário apontar a preparação do pesquisador para o processo de construção conjunta do mapa, pois a qualidade dos dados coletados em torno do objetivo de uma pesquisa tem uma relação direta com o processo de interação entre pesquisado-pesquisador. Nessa perspectiva é importante resgatar que a pesquisa qualitativa lida com a busca de dados que tragam à tona sentidos e significados sobre eventos vitais, ancorados em histórias de vida. O acesso a tal conteúdo exige uma postura baseada na ética da pesquisa com seres humanos, devido ao processo de mobilização que o mesmo pode gerar nos respondentes. Considera-se que o treinamento prévio ou experiência na realização de entrevista na pesquisa qualitativa constitui-se um aspecto importante para contemplar.

Nesse sentido, chama-se a atenção às características da entrevista de cons-



trução do mapa, cujo roteiro é análogo ao de uma entrevista semiestruturada. Assim, deve-se ter previamente preparados os itens norteadores que darão acesso ao fenômeno central da pesquisa. Cabe ao(a) pesquisador(a), no momento da entrevista, fazer outras indagações, caso as considere necessárias, para ter melhor esclarecimento e favorecer a compreensão seja de ideias, motivos, eventos, crenças, comportamentos, enfim, elementos que constituem as narrativas e que decorrem dos diálogos presentes na interação pesquisador(a)-pesquisado.

Entende-se que o(a) pesquisador(a), além de ter uma postura flexível no desenvolvimento da entrevista, deve estar atento tanto à narrativa dos sujeitos, como também deixar que eles sejam os verdadeiros protagonistas da entrevistas, cabendo a ele um papel de coadjuvante atento à emergência de dados em torno dos objetivos propostos.

#### *Etapas da construção do mapa de rede:*

Sugerem-se as seguintes:

##### 1. Etapa de aquecimento para construção

Após definição sobre a utilização do mapa como instrumento principal ou coadjuvante, o processo de aquecimento e aplicação inicia-se com a apresentação dos objetivos da pesquisa e identificação do(a) participante informante, dando-se sequência ao encontro, com a introdução da entrevista semiestruturada, que terá como referência itens pré-estabelecidos, que sirvam de guias em torno da temática focal.

Esta etapa constitui-se num aquecimento para o(a) participante no que diz respeito à memória sobre pessoas, relações e eventos/situações, que facilitará a construção posterior do mapa, permitindo também, durante a sua

construção, a possibilidade de aprofundar temas já abordados na entrevista.

A experiência de utilização do mapa de rede, no conjunto das investigações realizadas, evidenciou que, quando esse é o instrumento principal, a duração do processo de construção é de aproximadamente duas horas e meia. Pode-se fazer uma pausa entre a entrevista e a confecção do mapa para evitar o cansaço do(a) participante. Isso deverá ser acordado previamente. O tempo de duração da entrevista está relacionado ao envolvimento dos participantes na confecção, o que depende do número de pessoas envolvidas ao mesmo tempo.

Se for utilizado como instrumento coadjuvante, isso pode ser construído num segundo encontro. Se escolher esta medida, o(a) pesquisador(a) deverá fazer uma pequena síntese da entrevista anteriormente aplicada para facilitar o processo de recuperação tanto das lembranças anteriores, como dos objetivos da pesquisa.

##### 2. Etapa de conhecimento do desenho do mapa e dos símbolos a serem utilizados

Para esta etapa, sugere-se que se faça, previamente, o desenho da estrutura inicial do mapa, com seus respectivos círculos e quadrantes, em uma folha de 30 x 30 cm. Isto permite que pesquisado e pesquisador tenham um espaço cômodo para dialogar em torno do modelo do mapa, e possam fazer anotações auxiliares nele. É possível também ter lápis de cores diversas para escrever os conteúdos nos quatro quadrantes de modo diferente.

Por sua vez, é importante apontar que a denominação dos quadrantes inferiores referidos à “comunidade” e a “trabalho” pode ser adaptada pelo pesquisador, previamente à construção do mapa, de acordo com o foco de estudos. Por exemplo, no quadran-

te trabalho, sua nomeação pode ser substituída por estudos, assim como o quadrante comunidade pode ser identificado com nomes específicos às instituições sociais/comunitárias envolvidas, se for o caso, tais como: equipes de saúde, delegacia de polícia, igreja e assim por diante, subdividindo o quadrante conforme o modelo original, visando uma adaptação contextualizada ao que se deseja evidenciar.

Pode-se também utilizar símbolos para registrar as pessoas significativas de acordo com gênero, profissão, vínculo familiar, vínculo comunitário/social ou optar pela utilização de nomes específicos. No caso do(a) pesquisador(a) ter sugestões predefinidas de símbolos que costuma utilizar, o significado deles deve ser compartilhado com o participante, solicitando-lhe que faça a escolha daqueles que lhe convierem. Assim, a subdivisão dos quadrantes e a configuração ou escolha de símbolos que representem o que se deseja evidenciar dependerão da criatividade do(a) pesquisador(a) na busca sempre da melhor representação e posterior leitura do mapa, de acordo com o fenômeno central da pesquisa. Como exemplos possíveis disso, pode-se utilizar letras nos diferentes quadrantes para identificar as pessoas assinaladas pelo informante, assim, no quadrante família pode-se utilizar P (pai), M (mãe) I (irmãos) e do lado anotar sua função. De acordo com Sluzki (1997), há seis funções conforme apontado no texto. Assim, o registro no quadrante família e nos seus respectivos círculos poderia ser: M-F1, o qual significaria que a mãe é identificada como figura significativa e tem como função ser a companhia social. No quadrante amizades, podem ser utilizados os símbolos de masculino e feminino respectivamente, colocando a função ao lado

e assim sucessivamente. Essa mesma linha de símbolos pode ser usada nos outros quadrantes.

É importante destacar que cada pessoa significativa identificada terá somente um registro em cada quadrante. Deve-se sempre estimular o informante a fazer a escolha dessa pessoa, assim como da sua posição nos diferentes círculos. Esse esclarecimento se faz necessário, pois pode ser que o informante identifique uma pessoa significativa no quadrante trabalho/estudo e também considere colocá-la no quadrante amizades.

### 3. Etapa da construção

Destaca-se a importância de esclarecer bem o significado e a posição dos círculos: interno, intermediário e externo do mapa no que se refere ao grau de intimidade e compromisso das relações, assim como a posição dos integrantes da rede nos diferentes quadrantes. Utilizando os dados da entrevista, pode-se perguntar sobre peculiaridades dos integrantes da rede, seja com relação à sua posição nos círculos, função, atributos ou características específicas. Esta etapa desencadeia uma série de outras lembranças, comentários novos sobre as relações, e até correções de informações anteriormente fornecidas, cabendo ao pesquisador atentar para as mesmas.

### 4. Etapa de conclusão da construção do mapa de rede

Após a conclusão da construção do mapa, os(as) participante(s) é(são) convidado(s) a observá-lo pronto e a verbalizarem suas impressões e reflexões sobre o mesmo e sobre o trabalho realizado. Essa etapa é importante, pois permite melhor integralização dos dados presentes no mapa, seja através de comentários ou como complemento de informações. É comum

haver reações de surpresa e curiosidade ao ver o mapa concluído e em várias situações, advindas de nossa prática de pesquisa com esse instrumento, foi solicitada uma cópia dele. Diante desse fato, é aconselhável que se ofereça essa possibilidade aos participantes, e, para aqueles que desejem tê-lo, deve-se entregar uma cópia em tamanho original.

Cabe sempre informar que o mapa será passado a limpo, tal qual foi confeccionado, retirando-se dele apenas registros ou anotações feitas eventualmente pelo pesquisador durante a construção do mapa original, para facilitar a compreensão dos registros.

Tanto a entrevista como a construção do mapa são gravadas em áudio para melhor fidedignidade dos registros e, após o término do trabalho e sem a presença do informante, o pesquisador deve gravar ou registrar em diário de campo suas impressões e demais intercorrências sobre o processo, que considere relevantes para a integralização dos dados.

Cabe lembrar que a aplicação de instrumentos como a entrevista e o mapa de rede, por suscitarem lembranças de eventos vitais, podem gerar mobilização emocional nos(as) pesquisados(as), por isso cabe recordar as disposições da Código de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Em caso de mobilização de conteúdos emocionais que podem ser estimulados, a aplicação deve ser interrompida e transferida para outro momento se for possível. Por isso recomenda-se um preparo prévio para a realização da entrevista semiestruturada, que subsidiará a construção do mapa com vistas a ter parâmetros de adequação dos itens da entrevista semiestruturada ao fenômeno central de pesquisa e, por sua vez, refletir sobre a postura do pesquisador no processo de constru-

ção do mapa, para contornar situações que possam exacerbar emoções nos participantes para além do trabalho proposto.

#### 5. Etapa de adequação do mapa de rede ao contexto da pesquisa

Esta etapa tem como objetivo facilitar, no contexto do trabalho científico, uma melhor descrição e compreensão do material coletado. Para isso, é importante a criação de símbolos específicos para que cada participante tenha uma representação diferente dos demais. Nesse sentido, tem-se realizado uma avaliação da fidedignidade da correspondência entre os símbolos e os dados dos participantes, com a ajuda de profissionais experientes no uso da técnica.

Uma vez realizada essa adequação é possível fazer uma análise quantitativa de todos os integrantes da rede, por quadrantes e círculos correspondentes, dados estes que podem ser integrados às categorias decorrentes da análise qualitativa.

#### 6. Etapa de confecção do mapa de rede de todos os participantes

Esta etapa refere-se à reunião das informações advindas de todos os mapas de cada participante colocadas num mapa único ou geral. Neste, cada participante poderá ser representado por um símbolo, letra ou cor específica. Isso serve para evidenciar tanto as características estruturais das redes como as suas funções e seus atributos. Nos trabalhos de investigação realizados com o mapa de redes, este mapa geral foi muito importante para avaliar as tendências da rede em cada quadrante, permitindo uma visão do conjunto de todos os entrevistados, seja em suas semelhanças ou diferenças. A presença de mapas gerais é observada em trabalhos de pesquisa de

Santos (2009), Caminha (2008), Farias (2010), Menezes (2010) e Gabarra (2011).

### *Construção de categorias de análise no campo da pesquisa qualitativa*

O trabalho de construção das categorias de análise tem como referência a proposta de Corbin e Strauss (2008), que se inicia com um processo de codificação aberta, na busca da construção das categorias principais e continua com a codificação axial, para o surgimento de subcategorias e elementos de análise. Estes últimos evidenciam, em conjunto, as propriedades ou dimensões sobre as quais se sustentarão as análises e a compreensão da categoria central.

Por sua vez, cabe destacar que a nomeação das categorias, subcategorias e elementos de análise pode ser sustentada por: (a) a narrativa dos participantes presentes na entrevista semiestruturada, (b) a partir da nomeação presente nos quadrantes do mapa de redes, enquanto instrumento e (c) a partir de conceitos teóricos que sustentam a teoria proposta por Sluzki (1997) e pela literatura especializada, sempre tendo como referência o objetivo principal de pesquisa. Em termos de análise e discussão, essa triangulação dos dados, na perspectiva de Flick (2008), é considerada uma estratégia para ampliar e aprofundar os dados e a interpretação, uma vez que a pergunta de pesquisa é considerada a partir de pelo menos dois pontos e complementada pela literatura especializada, para se proceder a análise e discussão dos dados.

Assim, no estabelecimento de categorias de análise, quando o mapa é um instrumento coadjuvante de outros, a rede social pessoal significativa seria uma categoria principal, que, por sua vez, teria quatro subca-

tegorias: família, amizades, trabalho e comunidade, nomes correspondentes aos quatro quadrantes, sendo que os elementos de análise dessas últimas poderiam estar relacionados com as características, funções e/ou atributos dos integrantes da rede, de acordo com o nível de importância relacional percebido pelo sujeito respondente. Nesse caso, essa categoria principal poderia fazer parte de um conjunto de outras categorias principais que estariam respondendo ao objetivo central da pesquisa.

Quando o mapa de rede é o instrumento principal, ou seja, quando se analisa a dinâmica das redes sociais pessoais, pode-se determinar que cada quadrante do mapa dê as bases para a construção de categorias principais, assim se teria, por exemplo, quatro grandes categorias nomeadas respectivamente como: (a) Relações familiares, (b) Relações de trabalho, (c) Relações de amizade, e (d) Relações comunitárias, tendo como subcategorias as funções e atributos e, como elementos de análise, as características das redes. Cabe lembrar que a análise dessas categorias contempla uma análise horizontal, ou seja, evidencia a relação entre elas e, de modo vertical, busca a profundidade de cada categoria em si mesma.

A organização apresentada das categorias é uma proposta de análise no que se refere à construção de categorias a partir do mapa de redes. No entanto, somando-se a isso podem surgir outras possibilidades de categorias decorrentes das narrativas e dos aspectos diferenciais das mesmas; da análise da confecção do mapa geral, conforme apontado anteriormente, e das possibilidades de análises quantitativas. Estas trazem dados enriquecedores retirados do conjunto, os quais podem evidenciar lacunas, densidade,

tamanho, distribuição e características da estruturação da rede social de uma pessoa ou família.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a incorporação da dimensão da rede social na atividade de pesquisa no campo das metodologias qualitativas permite: (a) potencializar as análises descritivas presentes nas narrativas, (b) aumentar as possibilidades explicativas dos fenômenos humanos estudados, visibilizando de forma mais concreta o impacto das transformações que uma rede social significativa pode ter para o desenvolvimento do sujeito, e (c) contextualizar os dados às realidades estudadas, por meio da observação dos diferentes sistemas envolvidos, permitindo uma efetiva ampliação de um foco, uma situação ou um problema a ser investigado.

Considera-se que a busca de instrumentos sensíveis a mostrar e possibilitar descrições da dinâmica das redes sociais constitui-se num desafio permanente, tendo em vista o processo de constante mudança de suas configurações ao longo do ciclo vital e pela influência das transformações sociais de um modo geral. Nesse contexto, o mapa de redes é uma possibilidade relevante de acesso às redes, pela sua potencialidade descritiva de concretizar informações por meio de um registro específico de um dado momento ou situação de vida de um indivíduo ou família, a qual pode ser relacionada com outros momentos do desenvolvimento e variáveis escolhidas para a pesquisa.

Ampliando a utilização desse instrumento há também a possibilidade de sua utilização para aprofundar os estudos do follow up e longitudinais. A exemplo desse aspecto tem-se o ma-

peamento das redes sociais significativas em diferentes momentos do processo de desenvolvimento humano ou do ciclo vital da família.

No que diz respeito a suas limitações, aponta-se a dificuldade para utilizá-lo com grupos, quando se busca aprofundar a dinâmica das funções e atributos dados aos vínculos nas redes, exigindo este último uma entrevista mais direcionada em nível individual.

Por fim, reitera-se, aspecto anteriormente mencionado, a importância de estar sempre atentos aos aspectos éticos da pesquisa, a partir do reconhecimento da mobilização subjetiva/emocional que a utilização de um instrumento de coleta de dados possa ocasionar nos participantes, principalmente no contexto da investigação qualitativa.

### REFERÊNCIAS

- Atienza, F.I., Pons, D., Balaguer, I., & Garcia Merita, M.** (2000). Propriedades psicométricas de la escala de satisfacción con la vida en adolescentes. *Psicothema*, 12(2), 314-320.
- Caminha, M.I.** (2008). Fissuras e cicatrizes familiares: dinâmica relacional e a rede social significativa de famílias com crianças com fissura labiopalatal. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Campos, E.P.** (2005). *Quem cuida do cuidador: uma proposta para os profissionais da saúde*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Custódio, Z.A.O.** (2010). Redes sociais no contexto da prematuridade: fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança ao longo dos seus dois primeiros anos de vida. (Tese de Doutorado). Progra-

- ma de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Dabas, E.N.** (1993). *Red de redes: las prácticas de la intervención en redes sociales*. Buenos Aires: Editora Paidós.
- Demaray, M., & Malecki, C.** (2002). The relationship between perceived social support and maladjustment for students at risk. *Psychology in the schools*, 39(3) 3015-3316.
- Hering, A.Q.** (2008). Migração familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Farias, R.** (2010). Gravidez entre 12 e 14 anos: repercussões na vida de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Flick, U.** (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Gabarra, L.** (2010). Estados emocionais, formas de enfrentamento, rede de apoio e adaptação psicossocial em pacientes amputados. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Garcia, E., & Herrero, J.** (2006). La comunidad como fuente de apoyo social. Evaluación e implicaciones en los ámbitos individual y comunitario. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 38, 321-342.
- Gergen, M.M., & Gergen, K.J.** (2006) Investigación qualitativa: tensões e transformações. In: N.K. Denzin, Y.S. Lincoln e cols. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2ª ed., pp. 367-388). Porto Alegre: Artmed.
- Grandesso, M.** (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lin, N., & Ensel, W.M.** (1989). Life, stress and health: stressors and resources. *American Sociological Review*, 54, 382-399.
- Menezes, M.** (2010). Significações da hospitalização infantil para crianças internadas e suas famílias (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Fernandez Millan, J.M., Diez de la Cortina, D., Malpica Buitrago, M.J., & Hamido Mohamed, A.** (2010). Relación entre el apoyo social, la satisfacción vital y las expectativas de futuro de menores acogidos en centros de protección. *Revista de investigación psicoeducativa*, 8, 232-238.
- Moré, C.L.O.O.** (2005). As redes sociais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. *Revista Paideia*, 15(31), 267-297.
- Moré, C.L.O.O., & Macedo, M.R.S.** (2006). *A psicologia na comunidade: proposta de sistematização de intervenção*. Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Moré, C.L.O.O.** (2010). El mapa de redes sociales como instrumento de intervención y de investigación. In: *Resúmenes do VII Congreso Iberoamericano de Psicología*. Oviedo. Espanha.
- Morin, E.** (2007). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa.
- Ornelas, J.** (2008). *Psicología comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Pakman, M.** (2002) Redes: uma metáfora para a prática da intervenção social. In: E. Dabas & D. Najmanovich. (org.) *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós.

- Santos, A.C.W.** (2009). Mulheres, violência, rede de serviços de referência e suporte psicossocial. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- Speck, R.V.** (1989). La intervención de red social: las terapias de red, teoría y desarrollo. (pp. 20-39). In: M. Elkaim. *La práctica de la terapia de red*. Barcelona: Gedisa.
- Sluzki, C.E.** (1997). *A rede social na prática sistêmica*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sluzki, C.E.** (2002). De como la red social afecta a la salud del individuo y la salud del individuo afecta a la red social. In: E. Dabas & D. Najmanovich. (org.) *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós.
- Sousa da Costa e Silva, S., Ramos Ponte, A.F., & Bucher Maluchke, F.** (2010). Redes sociais e papéis de gênero em casais ribeirinhos de uma comunidade amazônica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(4), 605-612.
- Strauss, A., & Corbin, J.** (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (L.O. Rocha, Trad.). (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Vasconcelos, M.J.** (2003). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Wendt, N.C., & Crepaldi, M.A.** (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1, 302-310.